Revista Multidisciplinar do Nordeste Mineiro, v3,
2022/03

ISSN 2178-6925

UCAM – UNIVERSIDADE CÂNDIDO MENDES

RENATA NEVES COELHO

Recebido 05/03/2022. Aceito 18/03/2022

A ANÁLISE DO DISCURSO E A IMPORTÂNCIA DA SUA EXPLORAÇÃO EM SALA DE AULA

Revista Multidisciplinar do Nordeste Mineiro, v3,
2022/03

ISSN 2178-6925

AIMORÉS – MG

2018

UCAM – UNIVERSIDADE CÂNDIDO MENDES

RENATA NEVES COELHO

A ANÁLISE DO DISCURSO E A IMPORTÂNCIA DA SUA EXPLORAÇÃO EM SALA DE AULA

Artigo Científico Apresentado à Universidade Cândido Mendes – UCAM, como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Linguística Aplicada na Educação.

Revista Multidisciplinar do Nordeste Mineiro, v3,
2022/03

ISSN 2178-6925

AIMORÉS – MG

2018

A ANÁLISE DO DISCURSO E A IMPORTÂNCIA DA SUA EXPLORAÇÃO EM SALA DE AULA

Renata Neves Coelho[1]

RESUMO

O presente artigo baseia-se no conjunto de fatores nomeado Discurso. Suas facetas e características culturais, sociais, universais e individuais que tornam concreta sua ideologia, a ponto de ouvir palavras e quase as poder tocar, como se saíssem da língua e viessem ao solo como obras de um raciocínio condicionado a policiar-se pela institucionalização das ideias e sua, quase sempre, forçada aceitação como lei. Mostrar-se-á que não somente de ações vive o poder, mas de sua premeditação: o Discurso e a Ideologia. Sobretudo, preocupa-se aqui com o receptor do conteúdo e, principalmente, com os Discursos que ele mesmo produz haja vista sua realidade. Uma breve passagem sobre o histórico da Análise do Discurso e o conceito de Ideologia permitirá chegar à sua relação mútua e ao cerne da questão: o Discurso fortalece o poder, sendo assim, seu debate é imprescindível para construir um conhecimento crítico que evite suas opressões.

Palavras-chave: Discurso. Ideologia. Poder.

ABSTRACT

This article is based on the set of factors named Discourse. Their facets and cultural, social, universal and individual characteristics that make their ideology concrete, to the point of hearing words and almost touching them, as if they left the language and came to the ground as works of conditioned reasoning to be policed by the institutionalization of ideas and its, almost always, forced acceptance as law. It will be shown that not only actions live the power, but their premeditation: the Discourse and the Ideology. Above all, he is concerned here with the receiver of the content and, especially, with the Discourses that he himself produces, given his reality. A brief passage on the history of Discourse Analysis and the concept of Ideology will allow us to arrive at their mutual relationship and at the heart of the question: the Discourse strengthens the power, therefore, its debate is essential to construct a critical knowledge that avoids its oppressions.

Keywords: Speech. Ideology. Power.

Introdução

[1] Graduada em Pedagogia pela Universidade Presidente Antônio Carlos de Aimorés – UNIPAC, prêmio de melhor acadêmica e maior média global referente ao período de graduação. Professora da Educação Infantil 2 anos em rede particular de ensino. Interessa-se por Língua Portuguesa, Filosofia, Sociologia e Ensino Superior.

Discursar, dizer, falar, proferir... Estes verbos estão distantes da expressão de significado único. Ao conhecer a Linguística é possível decifrar a antecessora formação intelectual e sensorial da palavra, até que esta chegue por sua vez até o mecânico movimento de abertura dos lábios e da língua. Passando pelo sentir, pensar, decidir, convencer, conquistar, dominar. O ato discursivo é instrumento delicado e muito bem monitorado quando conveniente. Através de autores que abordam com clareza e propriedade o Discurso e sua posição ideológica, como, ORLANDI (2009), FOUCAULT (1996) e CHAUÍ (2008), será possível desenvolver uma reflexão prazerosa e realista acerca do impacto dos recursos da linguagem e suas origens contextuais.

Propõe-se, inicialmente, uma retomada sobre o surgimento e base científica da Análise do Discurso, seguindo pelo conceito e descrição de Ideologia e posteriormente, por essa relação que ambos constituem. Enriquecendo o decorrer deste trabalho científico com exemplos e argumentações, buscar-se-á, por fim, a importância do olhar educador atencioso para a Análise do Discurso e sua dotação de poder, assim como sua exploração para a construção de conhecimento útil e transformador.

Desenvolvimento

A origem da Análise do Discurso

Nascida na França, na década de 60, a Análise do Discurso surgiu da necessidade de explicar movimentados acontecimentos políticos que acometiam o país. Influenciados pela vontade de compreender os discursos produzidos à época, intelectuais os analisavam, fazendo surgir, dentre a complexidade do uso da linguagem, a Análise do Discurso.

Para a melhor descrição da ciência, fazem-se necessárias abordagens sobre Materialismo Histórico e Estruturalismo, principais contribuintes para a Análise do Discurso.

O Materialismo Histórico, esquema da teoria política marxista, entende que as ideias têm origem material, ou seja, as ideologias nascem das relações de produção. O homem demonstra aquilo que vivencia e como vivencia, suas ideologias são fruto de sua ação social. O Estruturalismo acredita que as relações linguísticas têm medidas de valor, ou seja, não só o acervo linguístico é acessado quando há a escolha de um termo, mas algum outro fator extralinguístico, que condicionará a atribuição de valor, atribuição esta, que por sua vez, emerge das relações de produção humanas.

Posto isso, tem origem a busca pelo sentido do discurso em si, como um refletor das situações sociais concretas.

De acordo com ORLANDI (2009):

> "Tendo como fundamental a questão do sentido, a Análise do Discurso se constitui no espaço em que a Linguística tem a ver com a Filosofia e as Ciências Sociais. Em outras palavras, na perspectiva discursiva, a linguagem é linguagem porque faz sentido. E a linguagem só faz sentido porque se inscreve na história." (ORLANDI, 2009, p. 25).

Desse modo, o autor afirma que é impossível dissociar linguagem e história e, que a primeira, é dependente da segunda.

Descrição de Ideologia

CHAUÍ (2008) faz uso da lógica aristotélica para alcançar a descrição de ideologia.

Este brilhante filósofo elaborou uma teoria para explicar fenômenos naturais e humanos de forma sequencial: a chamada teoria das quatro causas, definida grosseiramente, a seguir:

1. Causa material: a matéria da "coisa". Seu estado natural, bruto, não modificado;
2. Causa formal: a lapidação. A transformação da "coisa" em algo nomeado, com forma e que representa alguma utilidade;
3. Causa motriz ou eficiente: aquela que introduz a forma, que exerce um trabalho para a caracterização da matéria;

4. Causa final: por fim, o motivo ou sentido da existência do objeto, aquilo ou aquele que usufruirá o que foi construído.

Resumidamente, este esquema afirma que a causa material somente é útil porque existe a causa final; o que lhe dá razão para existir.

O pensamento de Aristóteles não se perde no tempo. É levado adiante e aplicado nas interações sociais. Usando de característica hierárquica, a teoria das quatro causas, foi claramente utilizada como definição das relações de poder. As ideias usadas para explicar a realidade; para CHAUÍ (2008), a mais pura ideologia.

O trabalhador, cidadão assalariado (causa motriz ou eficiente), dirigi-se ao seu trabalho, onde encontra a matéria com a qual trabalha (causa material) devendo deixá-la devidamente modificada para agradar ao proprietário (causa final).

Parece familiar? Pois se sabe que toda e qualquer sociedade nos livros de história, atualmente, em todas as cidades e países, organiza-se exatamente assim. Percebe-se que, um conjunto de ideias foi transferido para o plano físico, com vistas a explicar a realidade e tornar-se regra: o que CHAUÍ (2008) caracteriza pensamento ideológico. Uma vez que, o fato está no surgimento das ideias através da realidade. Teorias não determinam ações, de modo a agirem como leis universais, mas ações suscitam ideias que serão ou não suficientes para explicá-las. Experiências e teorias se entrelaçam.

Tudo que foi exposto leva diretamente às relações de produção abordadas por Karl Marx, pensador contribuinte da Análise do Discurso. A existência de regras determinadas (ideias), não justifica as relações de produção. As relações em e por si, é que são a realidade e devem ser explicadas de forma contundente.

Ideias sem fatos, não passam de ideias. Ideias que emanam de pontos de vista institucionalizados mostram a realidade parcial, injusta e manipulada. Acontecimentos geram ideias diversificadas, tendo em vista a posição que cada envolvido ocupa na hierarquia social.

Deste modo, aprofunda-se o estudo, mediante as análises e discursos que ecoam das diferentes camadas sociais.

Quando o “louco” discursa

Em sua obra, sugestivamente, intitulada, “A ordem do discurso”, FOUCAULT (1996) oferece um exemplo claro da hierarquia discursiva e uso da mais pura ideologia afastada da materialidade:

> “Penso na oposição razão e loucura. Desde a alta Idade Média, o louco é aquele cujo discurso não pode circular como o dos outros: pode ocorrer que sua palavra seja considerada nula e não seja acolhida, não tendo verdade nem importância, não podendo testemunhar na justiça, não podendo autenticar um ato ou um contrato, não podendo nem mesmo, no sacrifício da missa, permitir a transubstanciação e fazer do pão um corpo (...).” (FOUCAULT, 1996, p. 10 e 11).

O autor se utiliza do exemplo acima para demonstrar a separação que o discurso opera em sociedade. E é nessa separação que a ideologia se materializa. Todo discurso é de fato um acontecimento traduzido em palavras, mas o seu mascaramento, baseado em leis tidas como universais, favorece os grupos que detém maior poder, ou seja, a “causa final” da sociedade. Reduzindo o discurso dos desfavorecidos a crendice, mentira, loucura.

FOUCAULT (1996) ressalta, todavia, que este discurso do “louco”, muitas vezes revelava uma verdade que até então ninguém encontrara, desse modo, ela era secretamente investigada.

Pode-se perceber certo temor das palavras do “louco”, pois afinal, elas tinham seu fundamento e poder de coerção, deviam assim ser desacreditadas o mais rápido possível, pois ameaçavam a “lei”discursiva vigente, ou seja, a lei dos poderosos.

A rejeição do discurso acaba por gerar a logofobia, em outras palavras, o receio de se expressar através das palavras.

Enquanto Educação há o dever de desmistificar o discurso do “louco”, eliminar a logofobia e estimular a análise crítica do discurso, dando materialização à ideologia e poder ao indivíduo diante de sua própria fala.

A Análise do Discurso em sala de aula

Recordando as medidas de valor extralinguístico presentes no Estruturalismo, a hierarquização do discurso sendo compreendida através da teoria

aristotélica das quatro causas, passando pelo discurso do “louco” que, nada mais é, que o cidadão em posição desfavorecida na sociedade, desacreditado enquanto falante, pois, seu discurso contraria as leis institucionalizadas, chega-se à escola regular, à sala de aula; lugar privilegiado para abordar tais questões.

As aulas de linguagens, preferencialmente, de língua materna, iniciam de modo a confrontar a realidade da maioria dos sujeitos ao ditar regras gramaticais, institucionalizadas, “certas”, que automaticamente deixam claro que todos os alunos falam, escrevem, produzem “errado”. É o nascer da logofobia. O professor torna-se um carrasco e a disciplina específica uma fera indomável para a maioria dos que ali se encontram.

A respeito da distinção social retratada na teoria das quatro causas, CHAUÍ (2008) esclarece:

> “Se examinarmos as ações humanas, veremos que a teoria das quatro causas leva a uma distinção entre dois tipos de atividades: a atividade técnica (ou o que os gregos chamam de *poiésis*) e a atividade ética e política (ou o que os gregos chamam de *práxis*). A primeira é considerada uma rotina mecânica, em que um trabalhador é uma causa eficiente que introduz uma forma numa matéria e fabrica um objeto para alguém. Esse alguém é o usuário e a causa final da fabricação. A *práxis*, porém, é a atividade própria dos homens livres, dotados de razão e de vontade para deliberar e escolher uma ação. Na *práxis*, o agente, a ação e a finalidade são idênticos e dependem apenas da força interior ou mental daquele que age. Por isso, a *práxis* (ética e política) é superior à *poiésis* (o trabalho).” (CHAUÍ, 2008, p. 11).

Através deste trecho, pode-se justificar o temor do discurso que se instala entre estudantes e não estudantes.

O modelo pedagógico tecnicista implantado no país em meio ao regime militar condicionou a formação exclusivamente, para o fim de aumento do capital do mercado. Excluindo qualquer valorização, exercício e estímulo das capacidades discursivas, ignorando qualquer característica particular relacionada às realidades cotidianas dos indivíduos, inclusive suas experiências linguísticas.

Tendo em vista que a *práxis* está além da *poiésis*, de acordo com as instituições tradicionalistas, não era válido (e ainda hoje, muitas vezes não o é), trabalhar habilidades racionais, pois não eram/são estas úteis para o aumento da produção no mercado de trabalho. Posto isso, percebe-se o desenhar de mais um fato que não é estranho à sociedade: os intelectuais ocupam a posição privilegiada

na pirâmide social e são superiores aos assalariados que realizam trabalhos manuais.

Esta é a realidade da sala de aula: o professor tradicional, que se utiliza do tecnicismo por ser ultrapassado, acomodado ou simplesmente, autoritário, é visto como incontestável, por possuir, teoricamente, mais capacidade intelectual que seus alunos. Estes últimos, por sua vez, são tratados como pessoas que entram na escola para aprender as coisas certas que os docentes têm para transmitir e saírem de lá, por fim, como excelentes candidatos a trabalhadores assalariados que atenderão às necessidades do mundo capitalista.

Quando a Análise do Discurso é apresentada como proposta para a aquisição de conhecimento, não é tratada como meio de seleção entre incríveis intelectuais e produtivos trabalhadores. De fato, a ideia consiste em entender como conhecimento, uma formação que busque a realização pessoal dos indivíduos: ensinando o que é específico considerando os aspectos humanos em questão e a felicidade e boa conduta de cada um, trabalhando para despertar o interesse pelos estudos e a relação destes com a vida cotidiana. Desta forma, não existe hierarquia, mas a possibilidade de ser um trabalhador crítico, racional e desenvolvido em seus aspectos intelectuais, para atuar em sociedade e não ser um mero espectador, fazendo aquilo que o conhecimento proporciona e desperta de melhor em cada um.

Formas diversificadas para a abordagem do Discurso

Para evitar a institucionalização do conhecimento e o trabalho com discursos pautados em regras universais, para não limitar o ensino da linguagem às regras gramaticais dos livros didáticos e para tentar combater a logofobia presente nos ambientes de estudo e até fora deles, algumas estratégias estão ao alcance dos educadores.

Provas Orais: na realidade de alguns alunos, é mais fácil o discurso oral. A escrita, que também deve ser claramente trabalhada, não é a única opção para formular ideias e pode não ser a característica principal de algumas pessoas;

Debates: maneira excelente de elevar o nível de importância das aulas de linguagens e ultrapassar os limites dos muros da escola. Trabalha temas sociais relevantes e tipos diferentes de discurso, estimula o respeito entre opiniões divergentes, amplia o vocabulário, revela as características individuais dos alunos, incluindo as linguísticas.

Seminários: um grande desafio intelectual. Característico de ambientes acadêmicos, forma coletiva e diversificada para abordar o discurso científico. Trabalha o discurso em etapas: leitura, seleção, escrita e oralidade.

Estas são algumas estratégias de atividades que estão ligadas diretamente à Análise do Discurso e ao estímulo da aprendizagem dessa área da Linguística. Desconstituir o autoritarismo do discurso e suas opressões, é criar oportunidades para que os indivíduos criem seus próprios discursos, percebam a valorização que estes têm e de modo democrático e recíproco, adquiram os conhecimentos científicos que a escola almeja ensinar, ao passo que, ganham voz através da contribuição da sua própria análise discursiva, reflexo do meio em que vivem.

Conclusão

O presente artigo científico abordou inicialmente, o surgimento da Análise do Discurso enquanto ciência, e a contribuição dos pensamentos materialista e estruturalista para sua constituição. Essa ciência rompe as barreiras da neutralidade e revela uma linguística crítica, social e formadora de opiniões, que se encontra lado a lado com a Filosofia e Ciências sociais. Uma teoria transgressora, que acrescenta o fator extralinguístico, em um campo de estudos normativo, rodeado por regras institucionalizadas.

Para compreender a materialização que a Análise do Discurso busca em relação à ideologia, mostrou-se a descrição desta. O pensamento ideológico é aquele que foge à realidade. Toda vez que um discurso descreve ideias sem contextualização concreta, corre o risco de ser reduzido à ideologia. Premeditado, o discurso tem intenção, quer persuadir e exercer poder. Suas intenções surgem na materialização exposta através da análise. Resumidamente: ideias não ditam

acontecimentos. Os fatos, o material, é que dão origem a opiniões, teorias e comportamentos, que consequentemente, são denunciados pelo discurso.

Ao refletir sobre o discurso do “louco”, é possível ter consciência do caráter opressor da prática discursiva. O impacto extralinguístico da Análise do Discurso torna-se mais evidente, quando fica notório o uso do discurso em situações discriminatórias. Não obstante, essa exclusão demonstra a força que emana das “minorias”, tendo em vista o esforço para anular seus discursos. A loucura é um recurso para desconstruir e ignorar a pluralidade dos discursos e naturalmente, das realidades socioculturais.

Em sala de aula, a Análise do Discurso encontra como rival a logofobia: medo de se expressar através de palavras. O modelo tecnicista e o padrão de autoritarismo entre professor e alunos causam aversão diante dos desafios da língua e dificultam a aquisição de um conhecimento útil, completo. A educação que atende unicamente às exigências do mercado de trabalho (*poiésis*), causa inferioridade desta em relação às atividades intelectuais (*práxis*), limitando a aprendizagem. A Análise do Discurso pode gerar oportunidades para desconstruir a hierarquia *práxis*/*poiésis*, unindo ambas para constituírem um conhecimento integral, útil e realizador para o aluno.

Por fim, algumas sugestões de atividades ligadas à prática discursiva, que diversificam as aulas, trabalham características individuais e coletivas e valorizam o discurso exclusivo do indivíduo.

Análise do Discurso é uma poderosa arma dentre as áreas do conhecimento, para trabalhar autoconfiança, conhecimentos científicos, relação professor/aluno, reflexão e questionamentos sobre a realidade, regras gramaticais de maneira democrática e afetuosa. Vale destacar que o caráter social da Análise do Discurso permite ainda, trabalhos interdisciplinares entre as ciências das áreas humanas, mostrando a flexibilidade da área da linguagem.

Através desta ciência é possível despertar interesse pela educação e alcançar o sucesso no ensino da Língua, de maneiras variadas.

REFERÊNCIAS

CHAUÍ, Marilena. *O que é ideologia*. São Paulo, São Paulo: Brasiliense, 2008.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. São Paulo, São Paulo: Edições Loyola, 1996.

ORLANDI, Eni P. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. Campinas, São Paulo: Pontes, 2009.